

A escalada da Violência no Mar

A PIRATARIA SOMALI E AS EMPRESAS DE SEGURANÇA PRIVADA

A frequência de ataques piratas aos navios comerciais no mundo inteiro tem aumentado de maneira dramática nos últimos seis anos. Em grande parte isto é atribuído aos grupos somalis que operam no Mar da Arábia, Golfo de Aden, no Oceano Índico e no Mar Vermelho. Os atos de pirataria também estão se tornando mais onerosos, tanto em termos humanos quanto em termos econômicos. As maiores exigências de resgate resultaram em negociações mais longas e períodos de cativeiro mais prolongados para os marinheiros mantidos como reféns. As forças navais internacionais têm ampliado a sua presença em águas afetadas, principalmente desde 2008. Enquanto a Marinha tem aumentado com sucesso a segurança marítima em áreas patrulhadas, os piratas começaram a utilizar navios capturados como “naves-mães” para o transporte de provisões, armas e barcos de ataque, o que lhes permite atacar em extensões cada vez mais distantes da costa.

O poder de recuperação da pirataria somali diante da ação internacional fez com que as companhias de navegação se voltassem para as empresas de segurança privada marítima (PSCs) para prover a segurança das suas tripulações e embarcações. Esta é uma mudança significativa para uma indústria que por muito tempo resistiu em colocar armas em navios, devido às inescrutáveis implicações legais e de seguro, preocupações em relação à segurança da tripulação e o receio de incentivar uma escalada da violência no mar. De maneira significativa, vários governos e organizações internacionais, inclusive a Organização Marítima Internacional, embora longe de incentivar a prática, reconheceu-a gradualmente como uma opção para a proteção dos navios em áreas de risco.

O número de sequestros com sucesso feitos pelos somalis decaiu em 2011.

Este capítulo observa de perto a atual questão entre piratas somalis e PSCs, enfocando os desafios associados ao controle de armas leves e regras de comportamento entre todas as partes. O capítulo também procura identificar os tipos de armas leves usadas por piratas somalis e PSCs, investigando se o crescente uso de vigilância armada para proteger os navios aumenta a segurança ou leva a uma escalada da violência no mar. Entrevistas com representantes das PSCs e dos grupos piratas, uma análise de dados do *International Maritime Bureau* e as contribuições de especialistas estão entre as fontes utilizadas neste capítulo. As principais conclusões incluem:



Membros do grupo de piratas *Central Regional Coast Guard*, um deles leva uma lança-granadas-foguete, chegam numa praia perto de Hobyo, outubro de 2008. © Veronique de Viguerie/Getty Images



Um navio no Mar Vermelho, possivelmente, para servir como plataforma flutuante para o embarque e desembarque de armas para os navios protegidos por PSCs, outubro de 2011. © DS

- Enquanto o número de tentativas de ataques por piratas somalis continuou a crescer em 2011, tais ataques obtiveram menos sucesso do que em 2010 e resultaram em poucos sequestros.
- Cada vez mais, os grupos de piratas lançam mão da violência letal e do abuso de reféns durante os ataques e os períodos de cativo.
- Piratas somalis continuam usando principalmente fuzis de assalto, metralhadoras leves e lança-granadas-foguete. As alegações sobre o uso de armas mais destrutivas permanecem pouco fundamentadas e averiguadas, mas o potencial dos piratas para adaptar táticas conforme a mudança das circunstâncias, combinado com o acesso às armas na Somália, aumentam os riscos de um incremento das armas utilizadas pelos piratas.
- Devido a falta de uma regulamentação acordada, não existe um padrão de um “kit de armas” para o uso das PSCs e as regras sobre o uso da força variam muito. Alguns países permitem que as PSCs marítimas portem apenas armas semi-automáticas; na prática, as PSCs utilizam uma variedade de armas incluindo fuzis de precisão, metralhadoras de uso geral (GMPG), metralhadoras ligeiras (LMG), fuzis de assalto automáticos, fuzis de repetição (*bolt-action*), escopetas e revólveres.
- A presença da vigilância armada nos navios apresenta complexos desafios legais e de controle de armas leves relacionados com a ação da vigilância armada em portos e no mar territorial, assim como as questões de responsabilidade decorrentes do uso da força e de armas de fogo.
- Vários países procuraram facilitar o suprimento da segurança armada privada nos navios, mas os esquemas que eles empregam variam de maneira marcante. Alguns países oferecem às PSCs a possibilidade de alugar armas de fogo de propriedade do Governo.

Na adaptação de suas táticas e na extensão do seu alcance geográfico, os piratas somalis têm demonstrado os limites da prestação de segurança do Estado no mar, deixando à indústria naval e aos reguladores governamentais poucas alternativas, senão a de aceitar o emprego da vigilância armada privada. A princípio atores insignificantes, hoje as empresas de segurança privada marítima se ampliaram para servir como protetores de cerca de um quarto dos navios que transitam na área de alto risco exposta à pirataria dos somalis e, num futuro próximo parece que sua importância irá aumentar.

Alguns PSCs disparam tiros de desativação visando o sistema de propulsão de um barco pirata.

Se este novo paradigma realmente aumenta a segurança global nos mares ainda é uma questão em aberto. As PSCs parecem ter reduzido o sucesso de ataques de piratas. O declínio relativo dos ataques de piratas no final de 2011 fornece mais motivos de esperança. A presença das PSCs não diminuiu, no entanto, o valor de pagamento dos resgates que aumentou novamente em 2011. Além do mais, o rápido emprego das PSCs foi colocado à frente de sua regulamentação, acarretando problemas referentes aos tipos, quantidades, aquisição e uso de armas de fogo que requerem atenção concentrada. As evidências disponíveis também sugerem que, em resposta ao aumento da oposição armada no mar, piratas expuseram os marinheiros a uma violência mais letal durante os ataques e a um maior abuso durante o cativo. De maneira geral, os piratas adaptaram as suas táticas em reação aos esforços marítimos internacionais para refrear as suas atividades.

Se hoje os piratas atacam navios desarmados, eles podem usar métodos mais violentos e inovadores do que os usados no passado, quando confrontados com desafios semelhantes, a fim de manter fluído o dinheiro do resgate. A partir do final de 2011 novos desenvolvimentos táticos incluíram o aumento do número de ataques à esquadras, aos navios parados por greve, próximos ou nos portos e o sequestro de estrangeiros em terra firme. Na ausência de esforços sérios para entrar em contato com os piratas somalis de maneira não violenta e abordar as suas razões mais reais, o uso de vigilância armada privada a bordo de navios pode acarretar mais problemas para os ostensivos protetores e seus protegidos. ■